

81
EAV - MÁRIO DE ANDRADE

LUX
JORNAL

O GLOBO
Rio de Janeiro

5
Março
1978

VASP - onde você voa com quem gosta.

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS



Painel de "O último Carro", detalhe

Mário de Andrade, fotógrafo e Germano Blum, cenógrafo

A semana revela com a mostra "Mário de Andrade fotógrafo: turista aprendiz", mais uma faceta, entre as muitas, do modernista de 22. Na Escola de Artes Visuais (Parque Lage) estão expostas, a partir de amanhã, 40 fotografias que Mário de Andrade realizou, entre 1927 e 1929, no Norte/Nordeste. E também uma faceta nova, a do cenógrafo, o que

veremos na mostra de Germano Blum, no Museu de Arte Moderna do Rio.

Para hoje, o endereço continua sendo o Museu de Arte Moderna onde se encontram abertas as exposições de Zélio Alves Pinto (da charge ao out-door), Dinah Guimarães (arte e macumba), Reinaldo Leitão (objetos, fotos, desenho) e Constance Brenner (fotografias). Vamos ao roteiro.

AMANHÃ, 6

● a Escola de Artes Visuais abre, amanhã, com uma série de eventos em torno de Mário de Andrade e o Modernismo, seu ano letivo. Esses eventos são: a mostra "Mário de Andrade fotógrafo: turista aprendiz", exposição de livros e documentos sobre Mário de Andrade, projeção de um áudio-visual de Carlos Augusto Calil sobre a Semana de Arte Moderna e dos filmes de Sérgio Santeiro ("Klaxon") e de Ruy Santos ("A Casa de Mário de Andrade") e do documentário "São Paulo — sinfonia de uma cidade", datado de 1922 e de um seminário no qual serão abordadas as diferentes facetas da obra de Mário de Andrade. Farão conferências: João Luiz Lafeta (a obra poética), Antonio Carlos de Brito (sobre "O Banquete"), José Miguel Wisnick (a visão musical), Gilda Mello e Souza (a fotografia e a pintura). Tudo isso de amanhã a sexta-feira. Dos eventos programados o principal é mesmo o que revela mais uma faceta desconhecida de Mário de Andrade, o fotógrafo. Dos 700 negativos deixados pelo modernista de 22, documentando as duas "viagens etnográficas" que fez ao Norte/Nordeste, entre 1927 e 1929, foram selecionados e copiados, para esta exposição, 40. Nas fotos, que fez com sua "codaque", sem sofisticções, registra seu encontro com os modernistas de outros Estados, suas com-

panheiras de viagem, os tipos humanos das regiões, as formas de trabalho, a arquitetura, as danças dramáticas. Para Telé Porto Ancona Lopez, entretanto, nas suas fotos "podemos captar sua vontade de ultrapassar os limites do fotógrafo amador". Mário "esta consciente da fotografia como linguagem e se arrisca a explorá-la, fugindo ao convencional, quando tenta closes, toma figuras de costas ou busca a plasticidade em composições geometrizzantes".

TERÇA, 7

● Apresentada inicialmente na Galeria Global, em São Paulo, a mostra "Arte/Bahia/Hoje", sera vista, agora, no Museu Nacional de Belas Artes. Os artistas, com idades que variam de 22 a 35 anos, foram selecionados por Franco Terranova e apresentados por Cid Teixeira. São eles: Sonia Rangel, Renato Silveira, Edson Calmon, Murilo Ribeiro, Antenor Lago, José Antonio da Cunha, Francisco Augusto (Chico), Sival Cunha (Babalu), estes dois últimos autodidatas, os demais formadas em Escolas de Belas Artes. Entre os principais nucleos geograficos da arte brasileira é, na Bahia, onde tem havido menos renovação. Ha quase duas décadas que as figuras dominantes, ali, são as mesmas e a tematica de seus trabalhos persiste a mesma. Os artistas

selecionados, levando em conta apenas as reproduções, a cores, no catalogo, não parecem, entretanto, ir longe em sua vontade de renovação, situando-se entre a pop e o popular, entre o urbano e o rural, ora resvalando para certos estereotipos na definição das figuras e composição, ora para o folclórico. São todos figurativos e basicamente expressionistas. O mais despojado parece ser Renato Silveira, que é também o mais seguro de seus propósitos: "Temos de abrir o maior numero possivel de alternativas, de frentes de luta. Mas, neste processo, o artista deve lutar contra si próprio, derrotar seus vicios, abandonar o oportunismo, o paternalismo, a retórica nacionalista e romper o isolamento cultural e politico". O mais contundente na sua critica parece ser Antenor Lago, enquanto Sonia Rangel busca soluções ambientais em que entram o kitsch e a cultura popular. Para a organização desta mostra colaboraram, além da Global e do MNBA, e TV Aratu e o Museu de Arte Moderna da Bahia.

QUINTA, 9

● Ainda no Museu Nacional de Belas Artes, teremos, em exposição, quarenta gravuras de Goya, "o eterno critico social, anterior à época das contestações". Do total de gravuras a serem apresentadas, 33 constituem a "tauramaquia" do artista e fazem um percurso que vai "do modo con que los antiguos espanòles cazaban a los toros e caballos en el campo" à "desgraciada muerte de Pepe-Hillo en la Plaza de Madrid". Durante a vigência da exposição, serão projetados, diariamente dois filmes sobre a tauramaquia de Goya. Esta mostra circulante é patrocinada pelo Instituto de Cultura Hispânica.

● Germano Blum durante algum tempo integrou o Grupo Dialogo que, nos anos 60, procurou estabelecer um contato mais direto com o publico em mostras fora das grandes galerias e museus, no Grande Rio e cidades próximas. Porém, sozinho, Germano Blum, que entre 1964 e 1975 participou de cerca de 30 mostras coletivas e realizou diversas individuais, sempre procurou abordar em seus desenhos e pinturas, a cultura viva do subúrbio carioca. A ênfase, porém, esteve sempre, mais na captação de um certo lirismo do que na critica ao "mau gosto" suburbano. Memória dos tempos de infância passados no interior de cinemas, vendo filmes que depois transformava em historietas desenhadas. A experiência mais importante de Germano Blum, entretanto, teve inicio quando João das Neves, diretor de "O Último Carro" o chamou para fazer a cenografia da peça, afinal uma das mais premiadas da temporada de 1977, inclusive na Bienal de São Paulo, onde foi apresentada. O sucesso de sua cenografia, que lhe deu o prêmio Molière, levou-a a realizar dois outros cenários, "Dois perdidos numa noite suja" de Plínio Marcos, e "Santo Homem", de Otto Prado e, finalmente, o hilariante filme "Ibrahim do Subúrbio", de Cecil Thiré no qual faz além da cenografia, os figurinos. Depois dessas experiências Blum esta convencido de que o teatro foi muito revitalizador para seu trabalho. "Acredito mesmo", diz, "que não so forneci um material novo ao teatro, como recebi de volta um novo material para a pintura". Dessa integração artes plasticas, teatro e cinema, trata a mostra que Germano Blum realizou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a partir de quinta-feira.

● Em Juiz de Fora, na Galeria Capela, recentemente inaugurada, Fayga Ostrower realiza mostra individual (de gravuras ou aquarelas) e, em São Paulo, na Galeria Paulo Prado, Sérgio Lima realiza nova exposição de pinturas. Sérgio Lima é autor de dois livros publicados em 1976, "A festa" e "O corpo Significa", com ensaios sobre arte.